

Infecção mata 34 recém-nascidos

Ex-diretora do hospital diz que alertou o secretário de Saúde de Roraima sobre as más condições de higiene da maternidade

São números de uma chacina. Um estranho mal já matou, em apenas 23 dias, 34 bebês nascidos ou internados no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Vista, Roraima.

A epidemia foi descoberta na última segunda-feira depois da morte de duas das trigêmeas nascidas no fim de semana passado.

As meninas — Lílian, Lorena e Letícia — foram as primeiras trigêmeas nascidas no estado e por isso vinham sendo acompanhadas com interesse pela imprensa local.

A causa provável das mortes foi uma infecção hospitalar generalizada. Já no domingo as recém-nascidas tiveram febre e apresentaram os primeiros sinais de uma septicemia.

O padrão de mortalidade na instituição, responsável por 90% dos partos do estado e que sobrevive exclusivamente dos recursos do Sistema Único de Saúde (SUS)

e da Secretaria de Saúde, é de 1,3% mortes mensais (algo em torno de 8 mortes).

A principal suspeita da médica Odete Irene Dominguez, ex-diretora da maternidade, exonerada ontem pelo secretário estadual de Saúde, Sérgio Pillon, é que as mortes foram causadas por uma infecção hospitalar.

ACEITÁVEL

O secretário Pillon disse ontem ao jornal *Folha de Boa Vista*, responsável pela denúncia, que o número de crianças mortas “é aceitável”.

Pillon tentou justificar a tragédia argumentando que a média de mortes infantis em Roraima é de cerca de 2,5% por mil nascimentos — cerca de 25 óbitos por mês.

No caso específico da maternidade Nossa Senhora de Nazaré o índice de mortalidade já chega a cerca 5,2% em relação à quantidade de partos mensais (600, em

média). O secretário admite a evidência de infecção, mas negou a possibilidade de negligência.

Um grupo de epidemiologistas da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio, foi enviado pelo Ministério da Saúde para averiguar as causas. Também há a possibilidade de que a infecção tenha sido provocada por levada o hospital por uma mãe ou criança.

“Atendemos gente de todo o estado, incluindo aí malocas de dezenas de tribos”, diz a médica.

Também não há confirmação de que todos os bebês tenham morrido do mesmo mal.

A médica Odete confirma que

o clima na maternidade é de pânico. “Com mais uma morte registrada hoje (ontem) à tarde está

sendo difícil convencer as mães a deixarem os bebês nos berçários”, diz ela.

LIMPEZA

A maternidade tem 279 leitos, reservados para partos e atendimento de pronto-socorro pediátrico, mas, no momento, está desativada até a UTI pediátrica.

“A situação higiênica do hospital, reconheço, é crítica: até a empresa responsável pela parte da limpeza não tem sequer especialização em higiene hospitalar”, alega.

Segundo a obstetra, por volta do dia 3, a direção foi alertada para o registro de oito mortes

ocorridas no berçário.

“Imediatamente mandei fazer uma desinfecção à base de água sanitária adicionada de hipossulfito (produto químico a base de enxofre).

Acontece que esse produto — e já havia alertado a Secretaria de Saúde antes da tragédia — tem um poder de desinfecção inferior aos padrões recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). “Isso pode não ter ajudado a desencadear a infecção”, reconhece ela.

SEM CONTROLE

A médica reconhece que o hospital, o maior do estado, não possui uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), considerada essencial pela OMS.

Os números de Boa Vista são mais mortais do que os da tragédia de Caruaru (PE), quando pacientes submetidos à hemodiálise foram contaminados por água não tratada.

Em Caruaru, em três semanas, houve nove mortos. Com um mês de contaminação, o número de mortos saltou para 23. Hoje, sete meses depois da tragédia, a estatística é macabra: 60 mortos e 126 intoxicados.

TRAGÉDIA

Hospital realiza

90%

dos partos em Roraima
com uma média de

8

mortes por mês.
Nos últimos

23

dias morreram

34

bebês.